

---

# Sinofobia: O efeito perverso da politização na comunicação durante a pandemia de Covid-19

---

por **Lucas Cavalcanti dos Santos**

O antagonismo entre o Ocidente e a China é antigo, mas ganhou novo impulso entre o final de 2019 e os primeiros meses de 2020, quando o médico Li Wenliang compartilhou, em uma rede social chinesa, informações sobre pacientes com suspeitas de infecção por um novo vírus em Wuhan. A polícia local o deteve sob a acusação de “espalhar falsos rumores” e de “perturbar a ordem social”. Pouco tempo depois, ele foi diagnosticado com Covid-19 e faleceu. Por conta disso, internautas chineses foram à internet em uma incomum manifestação contra o Partido Comunista da China (doravante PCC ou Partido Comunista), que então iniciou uma investigação interna e a concluiu com um raro pedido público de desculpas, acompanhado de reprimendas à polícia de Wuhan e da promessa de punição aos responsáveis pelo erro (DAVIDSON, 2020).

A partir daí, iniciou-se, na mídia ocidental, uma avalanche incisiva e incessante de críticas ao Partido Comunista; não só pela falta de transparência, a que se atribui a não-contenção do vírus em seu estágio inicial, mas também pelas políticas públicas de combate à doença. O problema, contudo, não está nas críticas em si: surge, na verdade, quando essas críticas não são informadas pela ciência, pelos fatos ou pela razão — mas por convicções a priori do que é certo ou errado, por motivações políticas ou por preconceitos. Neste contexto, o argumento principal deste artigo é que a politização, ou enviesamento, da mídia ocidental contra a China na cobertura da pandemia da Covid-19 resultou em sinofobia — i.e. medo intenso ou hostilidade contra chineses (LEXICO, [2022]) — e reduziu, em parte, o potencial de cooperação internacional.

Para suportar essa afirmação, primeiro, apresentarei os conceitos de Orientalismo (SAID, 1978) e de Discurso (FOUCAULT, 1987). Segundo, sob a luz dessas duas formulações, analisarei um caso exemplificativo no qual um colunista do *The Atlantic*, uma revista estadunidense, faz alegações, comumente vistas na imprensa ocidental, sobre as supostas motivações isolacionistas das políticas anti-Covid-19 do governo chinês,

e buscarei evidenciar as inconsistências dessa narrativa. Terceiro, a partir de um segundo caso exemplificativo, desta vez do The New York Times (NYT), jornal também dos EUA, analisarei mais um erro comum de comunicação da mídia, que frequentemente associa a origem geográfica do vírus SARS-CoV-2 à China, e buscarei evidenciar, à luz da lógica e de dados empíricos, que essa associação é equivocada e desproporcional à relevância do assunto. Quarto, buscarei evidenciar, à luz de mais dados, como a dicotomia Democracia/Autocracia carece de poder explicativo no que tange ao sucesso ou insucesso na administração da pandemia, apesar de também ser empregada frequentemente pela mídia.

Por último, sustentarei que toda essa politização no trato das informações relativas à pandemia pela mídia ocidental tem desdobramentos perversos para a população de etnias chinesas que vivem fora da China, além de sabotar as condições favoráveis para a cooperação internacional no combate à doença.

## **Orientalismo: definição e análise de caso**

De acordo com Said (1978), Orientalismo pode ser entendido como um processo ontológico e epistemológico através do qual acadêmicos, jornalistas e artistas do "Ocidente" produzem imagens e conhecimentos tendenciosos sobre o "Oriente", a partir de caracterizações admitidas como verdadeiras a priori, mas que não passam de simplificações, preconceitos e estereótipos reducionistas. O Oriente é antagonizado como um "Outro", inferior e oposto ao Ocidente, em uma realidade artificial, construída de forma não-objetiva. Assim, silenciando o Oriente até no que diz respeito a si mesmo, o Orientalismo habilita, autoriza e justifica a subjugação e a dominação do "Oriente" pelo "Ocidente" (SAID, 1978).

Para elucidar melhor o termo, Said lança mão da noção de "discurso" segundo Michel Foucault. Para Foucault, discurso se refere a "sistemas de pensamentos compostos de ideias, atitudes, cursos de ações, crenças e práticas que constroem sistematicamente os objetos e os mundos dos quais eles falam" (FOUCAULT, 1972 apud LESSA, 2005, p. 285, tradução nossa).

Referindo-se às medidas anti-covid do governo da China, um colunista do The Atlantic escreveu: "A pandemia proveu a liderança chinesa com uma oportunidade de consolidar seu poder domesticamente e isolar-se dos estados vizinhos sob o pretexto de defender a saúde pública" (MCLAUGHLIN, 2022, tradução nossa). Ora, é uma gravíssima pressuposição epistemológica assumir que a defesa da saúde pública não passa de um "pretexto" para o governo chinês fortalecer seu poder interno.

Por meio dessa lente, tais políticas, mesmo após cientificamente comprovadas como efetivas, são motivadas não por preocupações óbvias com a saúde coletiva, mas pelo ímpeto isolacionista de um

estado autocrático ou por um ditador maligno cujo único interesse é o poder como fim em si mesmo. Não convém ao discurso de Mclaughlin mencionar que o maior projeto de infraestrutura do mundo, a Belt and Road Initiative, é da China e — através da construção não de muros, mas de rodovias, ferrovias, pontes, portos, redes de fibra óptica, gasodutos, oleodutos, etc. — promove a integração com outros países, não o isolamento,.

Além disso, embora as políticas de distanciamento social possuam elevadíssimos custos sociais, políticos e econômicos (NICOLA et al, 2020; BAI, 2020), Mclaughlin percebe o isolamento provocado por tais medidas como um algo desejado pelo governo chinês, não como um efeito colateral negativo. Mas ele falha em substanciar sua alegação.

Percebe-se, dessa forma, que a afirmação de Timothy não é baseada em uma percepção objetiva do mundo real, mas sim fruto de uma perspectiva essencialmente orientalista, isto é, baseada em concepções a priori sobre a natureza da sociedade chinesa. Assim, apesar de aparentar descrever a realidade (ou parte dela), o que ele efetivamente faz é projetar, sobre o governo chinês, motivações imaginadas para as ações deste e, assim, reproduz uma “realidade” construída subjetivamente

## Democracia e Autocracia

No início da crise, não foram poucas as publicações na mídia ocidental que apontavam para o caráter autoritário da China no combate aos surtos de Covid-19. Para além da censura inicial, o fechamento de fronteiras, lockdowns e a obrigatoriedade do uso de máscaras foram apresentados não como políticas de saúde pública, mas sim como medidas draconianas, anti-científicas, ineficientes, incompatíveis com a democracia e com os direitos humanos e inerentes à natureza totalitária do regime chinês.

Subentende-se, aí, o pressuposto comum no pensamento democrático liberal de que a liberdade de expressão e a transparência que propiciam a livre circulação de informação, em conjunto com mecanismos de accountability, levariam o governo a agir no interesse da população. Em particular, por conta dessa impossibilidade de suprimir informações e da responsividade advinda de incentivos eleitorais, democracias seriam inerentemente superiores a autocracias na prevenção e no controle de desastres.

Entretanto, pouco depois, casos e mortes fora de controle forçaram países democráticos a imporem as mesmas restrições que a China já havia imposto desde o início. Afinal, lá essas medidas se mostraram efetivas. (LAU et al. 2020). Contudo, em muitas democracias ocidentais, o sucesso chinês não pôde ser replicado: as “curvas” de contágio foram “achatadas”, mas não anuladas (COURTEMANCHE et al., 2020;

ALFANO; ERCOLANO, 2020; HAUG et al., 2020). Voltou-se, assim, para alegações diferentes: o país asiático teria sido mais eficiente justamente por ser uma autocracia, com poderes centralizados e irreverentes aos direitos individuais, dando-lhe uma assertividade decisiva, mas incompatível com a democracia e as liberdades individuais.

Contudo, na realidade não se verifica, empiricamente, uma correlação clara entre a resiliência à Covid-19 e o sistema político de um país; ou seja, há democracias e autocracias bem-sucedidas no combate à pandemia, bem como há democracias e autocracias malsucedidas (STASAVAGE, 2020; LENTON et al., 2022). Por outro lado, existe uma correlação entre a resiliência e a confiança social, seja em regimes democráticos, seja em regimes autocráticos (LENTON, 2022). A confiança social, por sua vez, relaciona-se, em larga medida, aos valores culturais, às experiências passadas e às expectativas futuras quanto ao comportamento e às intenções dos outros indivíduos e do Estado.

Em outras palavras, quer seja em democracias-liberais, quer seja em autocracias, quanto mais as pessoas confiam umas nas outras e no governo para agir de modo bem intencionado e competente, mais elas tendem a colaborar com as instruções das autoridades e mais responsáveis elas tendem a ser individualmente, sendo o oposto verdadeiro, independentemente do sistema político (LENTON, 2022). Ademais, governos com altos níveis de confiança podem sustentar políticas onerosas, como lockdowns, por mais tempo (LENTON, 2022). Tendo em vista que a China tem o maior Índice de Confiança entre todos os países medidos (EDELMAN, 2022), coloca-se um desafio à lente orientalista.

## A origem do vírus

Desde o início da pandemia, a mídia ocidental tem dedicado muito espaço a discussões sobre a origem do vírus SARS-CoV-2. Em particular, é muito frequente e enfática a atribuição da origem do vírus à Wuhan, na China. Essa ênfase, como será demonstrado em seguida, é orientalista por dois motivos principais: primeiro, porque não está suportada por evidências científicas, apenas por especulações e artifícios lógicos falaciosos; segundo, porque mesmo que fosse verdadeira, a atenção dada pela imprensa à origem geográfica do vírus é desproporcional à utilidade que tal informação poderia potencialmente possuir.

Em uma publicação do NYT (ZIMMER; MULLER, 2022), se afirma o seguinte: “Cientistas divulgaram dois estudos extensivos [...] que apontam para um grande mercado de alimentos e animais vivos em Wuhan, na China, como a origem da pandemia de coronavírus”. Depois de chamativos título e subtítulo, e de uma longa exposição dos supostos “achados científicos”, o próprio NYT revela que 1) o pesquisador entrevistado é coautor de ambos os trabalhos, evidenciando algum viés de confirmação; e 2) nenhum dos dois estudos havia sido publicado

em uma revista especializada, isto é, ainda não haviam passado pelo processo de revisão por pares que caracteriza o rigor e confere credibilidade às publicações científicas.

Além disso, é preciso esclarecer a comunicação acerca de alguns pontos. Primeiro, o fato de o vírus ter sido inicialmente identificado em Wuhan, na China, não é base causal para afirmar que ele surgiu lá. Embora a evidência seja sólida em favor da origem animal do vírus e contra as hipóteses de criação em laboratório com posterior soltura deliberada ou vazamento acidental (HOLMES et al., 2021), o mesmo grau de certeza não se estende ao aspecto geográfico da origem (MAXMEN, 2022). Desse modo, partir das premissas “o vírus foi inicialmente registrado em Wuhan” e “Wuhan é na China” para a conclusão de que “o vírus foi originado na China” constitui uma especulação, isto é, um salto lógico, uma falácia.

Wuhan é a maior cidade da província de Hubei, com população superior a 10 milhões na cidade em si, e 19 milhões em sua área urbana funcional (OECD, 2015, p. 37). Além disso, Wuhan é intensamente conectada a outras regiões por infraestrutura extensa, tanto regional como internacionalmente, sendo um grande centro de turismo, comércio e transporte. Portanto, a ligação do vírus à Wuhan, ainda que clara — consoante aos artigos pré-publicados mencionados pelo NYT —, provavelmente reflete não o surgimento do vírus na região, mas sim as condições favoráveis que um local densamente povoado e integrado apresenta para a multiplicação e disseminação de agentes infecciosos possivelmente advindos de outras localidades (Pekar et al., 2021; HOLMES et al., 2021; WOROBEY, 2021; LAW, 2022). Em outras palavras, Wuhan pode ter sido apenas um amplificador do vírus, e não a sua localidade primária — os estudos, até o momento, não são conclusivos.

Ademais, baseado em antecedentes históricos — H1N1, HIV, EBOLA —, é possível afirmar que saber a origem do SARS-CoV-2 será praticamente irrelevante para o tratamento da doença em si (GALLO; JAMISON, 2022), ainda que a informação possa ser valiosa para entender melhor como o vírus se movimenta entre diferentes espécies e prevenir pandemias no futuro. Logo, a ênfase repetitiva dada pelos veículos de imprensa à origem do vírus é desproporcional à relevância prática desta informação, e a comunicação do fato em si é equivocada quando afirma ser Wuhan a origem da Covid-19.

## **Sinofobia à luz do Orientalismo**

Como exposto acima, o Orientalismo leva à antagonização da China como “Outro” por meio da produção de conteúdos tendenciosos que constroem e reproduzem imagens negativas do país a partir de pressupostos falsos sobre a natureza da sociedade chinesa. Essa antagonização possui ao menos dois efeitos perversos: a sinofobia e a erosão da cooperação internacional contra a pandemia.

Sinofobia, ou sentimento anti-chinês, significa "medo intenso ou hostilidade contra a China, chineses ou sua cultura" (LEXICO, [2021], tradução nossa), ou ainda "um tipo de racismo que afeta chineses ou pessoas confundidas com chineses" (LI et al, [2022], tradução nossa). Ou seja, não só chineses, mas pessoas de diferentes etnias percebidas como "asiáticas", ao serem confundidas com chineses, também podem sofrer com a violência sinófoba.

Embora preexistente, a sinofobia aumentou após o início da crise de Covid-19 devido, especialmente, ao modo como a mídia enquadra as informações relacionadas à doença (WEN et al, 2020). A saber, não existe correlação entre a divulgação dos sérios riscos da Covid-19 à saúde e o aumento da sinofobia, mas essa correlação existe quando se trata de tipos específicos de mensagens, como aquelas que falam sobre o vírus em termos de um determinado grupo social ou país originário (DHANANI; FRANZ, 2021).

Muito se falou, ainda, a respeito da não cooperação chinesa para esclarecer a origem do vírus. Em 2020, após o episódio de supressão inicial de informações pela polícia local de Wuhan, a Organização Mundial da Saúde (OMS) engajou a China em um processo cooperativo com pesquisa em campo e compartilhamento de dados. Contudo, conforme a retórica anti-China se acentuou ao ponto de elicitare sinofobia e racismo, o país foi instigado a recuar, como disse o epidemiologista Ray Yip à Nature (MAXMEN, 2022, p. 775, tradução nossa): "Acho que houve uma mudança na atitude da China quando começaram a sentir-se humilhados ou culpados pela pandemia, mesmo que qualquer doença precise começar em algum lugar".

Em síntese, percebe-se que as nuances na maneira de se comunicar informações relativas à Covid-19 possuem grande impacto sobre a população asiática em geral, e chinesa em particular, bem como sobre as relações internacionais entre a China e o Ocidente. Conteúdos de mídia cuja linguagem e agenda enfatizam a associação da Covid-19 à China e aos Chineses instigam a sinofobia e colocam em risco a saúde física e psicológica dos chineses e asiáticos étnicos. Consequentemente, gera-se, na China, a expectativa de que novos dados possam ser instrumentalizados pelo Ocidente para reforçar a antagonização contra a sociedade chinesa, constituindo, assim, um obstáculo para a cooperação internacional no combate à pandemia. Por tudo isso, é imperativo que a imprensa ocidental seja mais cuidadosa na formulação de sua agenda e no emprego da linguagem utilizada para comunicar informações sobre a Covid-19.

---

## Referências

---

2022 Edelman Trust Barometer. **Edelman**, 2022. Disponível em: [https://www.edelman.com/sites/g/files/aatuss191/files/2022-01/2022%20Edelman%20Trust%20Barometer%20FINAL\\_Jan25.pdf](https://www.edelman.com/sites/g/files/aatuss191/files/2022-01/2022%20Edelman%20Trust%20Barometer%20FINAL_Jan25.pdf). Acesso em: 25 mar 2020.

ALFANO, V.; ERCOLANO, S. The Efficacy of Lockdown Against Covid-19: A Cross-Country Panel Analysis. **Appl Health Econ Health Policy** 18, 509-517. 2020. doi: <https://doi.org/10.1007/s40258-020-00596-3>

BAI, H. M. The Socio-Economic Implications of the Coronavirus Pandemic (Covid-19): A Review. **ComFin Research**, v. 8, n. 4, p. 8-17, 2020. doi: <https://doi.org/10.34293/commerce.v8i4.3293>

COURTEMANCHE, C.; GARUCCIO, J.; LE, A. et al. Strong Social Distancing Measures In The United States Reduced The Covid-19 Growth Rate. **Health Affairs**, v. 39, n. 7, 2020. doi: <https://doi.org/10.1377/hlthaff.2020.00608>

DAVIDSON, H. Chinese inquiry exonerates coronavirus whistleblower doctor. **The Guardian**, mar 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/mar/20/chinese-inquiry-exonerates-coronavirus-whistleblower-doctor-li-wenliang>. Acesso em: 25 mar 2022.

DHANANI, L. FRANZ, B. Why public health framing matters: An experimental study of the effects of Covid-19 framing on prejudice and xenophobia in the United States. **Social Science & Medicine**, v. 269, n. 113572, 2021. doi: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2020.113572>

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GALLO, R. C.; JAMISON, Dean T. Knowing the Origins of Covid-19 Won't Change Much. **Time**. Fev 2022. Disponível em: <https://time.com/6150383/origins-Covid-19/>. Acesso em: 25 mar 2022.

HAUG, N., GEYRHOFER, L., LONDEI, A. et al. Ranking the effectiveness of worldwide Covid-19 government interventions. **Nature Human Behavior** 4, p. 1303–1312, 2020. <https://doi.org/10.1038/s41562-020-01009-0>

HOLMES, E. C.; GOLDSTEIN, S. A.; RASMUSSEN A. L. et al. The origins of SARS-CoV-2: A critical review. **Cell**, v. 184, n. 19, p. 4848-4856, 2021. doi: <https://doi.org/10.1016/j.cell.2021.08.017>

LAU, H., KHOSRAWIPOUR, V., KOCBACH, P. et al. The positive impact of lockdown in Wuhan on containing the Covid-19 outbreak in China. **Journal of Travel Medicine**, v. 27, n. 3, 2020. doi: <https://doi.org/10.1093/jtm/taaa037>

LAW, V. Covid-19: The endless search for the origins of the virus. **Al Jazeera**, abr 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/4/5/Covid-19-source-china-animal-or-lab>. Acesso em: 28 abr 2022.

LENTON, Timothy M.; BOULTON, Christ A. SCHEFFER, Marten. Resilience of countries to Covid-19 correlated with trust. **Nature, Scientific Report** v. 12, n. 75. 2022. doi: <https://doi.org/10.1038>

LESSA, I. Discursive Struggles Within Social Welfare: Restaging Teen Motherhood. **British Journal of Social Work**, v. 36, n. 2, p. 283–298, 2006. doi: <https://doi.org/10.1093/bjsw/bch256>

LEXICO. **Sinophobia**. [2022]. Disponível em: <https://www.lexico.com/definition/sinophobia>. Acesso em: 28 abr 2022.

LI, S.; FAN, V.; LAM, J. et al. Sinophobia Guidance. **King's College London**, [2021]. Disponível em: <https://www.kcl.ac.uk/hr/diversity/guidance-and-resources/sinophobia-guidance>. Acesso em: 28 abr 2022.

MAXMEN, Amy. Scientists struggle to probe COVID's origins amid sparse data from China. **Nature**, v. 603, p. 773-775, 2022. doi: <https://doi.org/10.1038/d41586-022-00732-0>

MCLAUGHLIN, Timothy. Can China Ever Reopen? **The Atlantic**. Feb 2022. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2022/02/china-covid-zero-policy-restrictions/621476/>. Acesso em: 25 mar 2022.

NEW Research Points to Wuhan Market as Pandemic Origin. **The New York Times**. Fev 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2022/02/26/science/covid-virus-wuhan-origins>. Acesso em: 25 mar 2022.

NICOLA, M.; ALSAFI, Z. SOHRABI, C. et al. The socio-economic implications of the coronavirus pandemic (Covid-19): A review. **International Journal of Surgery**, v.78, p. 185-193, 2020. doi: <https://doi.org/10.1016/j.ijssu.2020.04.018>

OECD. OECD Urban Policy Reviews: China 2015. **OECD Publishing**, 2015. doi: <https://doi.org/10.1787/9789264230040-en>

PEKAR, J.; WOROBEY, M.; MOSHIRI, N. et al. Timing the SARS-CoV-2 index case in Hubei province. **Science**, v. 372, n. 6540, p. 412-417, 2021. doi: <https://doi.org/10.1126/science.abf8003>

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

STASAVAGE, David. Democracy, Autocracy, and Emergency Threats: Lessons for Covid-19 From the Last Thousand years. **International Organization**, 74(S1), E1-E17. 2020. doi: <https://doi.org/10.1017/S0020818320000338>

WEN, J.; ASTON, J.; LIU, X.; YING, T. Effects of misleading media coverage on public health crisis: a case of the 2019 novel coronavirus outbreak in China. **Anatolia**, v. 31, n. 2, 2020. doi: <https://doi.org/10.1080/13032917.2020.1730621>.

WOROBAY, M. Dissecting the early Covid-19 cases in Wuhan. **Science**, v. 374, n. 6572, p. 1202-1204, 2021. doi: <https://doi.org/10.1126/science.abm4454>